

*FESTA NO CEADS E HISTÓRIA*

19 - 12 - 2013

Eis a geografia da vida que nos é o natal, o berço esplendido e a manjedoura da infância. Quando chegamos nesta época vem a FESTA DO CEADS que é um evento já tradicional na geração atual da Vila Dois Rios. Este ano não sei por que esfriou tanto, não repetiu nesta semana os ânimos dos outros anos. As crianças de hoje, com certeza saberão contar um dia esta história melhor do que eu. A comunidade estava fria, quase não se ouvia falar da festa, como nas outras ocasiões que aproxima deste dia; o churrasco maravilhoso que o Sr. Silvio sabe fazer para o almoço, também não foi motivo de comentários como das outras vezes. Entra a semana da Festa em rotina geral aguardando os últimos momentos dos preparativos da festa e

depois o encontro para comemorar a paz trazendo alguns dias de descanso dos funcionários do Ceads, dito “recesso”.

Este ano o recesso esteve marcado pelo contraste da Festa com a Vila Dois Rios, a partir daí a Vila ficou chuezinha com a sua pobreza; neste ido da história surge a gastura parecendo que a vila é uma e o Ceads é outro. No fundo as duas partes fundem numa coisa só \_ Ceads e Vila. A Vila e do Ceads e o Ceads também é da Vila. E, no entanto o Ceads é o rico e a Vila é o pobre e ficou depois da festa 20 dias de recesso abandonada. Numa pobreza tão extrema, onde a gente sente como o Ceads se desenvolveu e a Vila ficou a margem.

Prédio do Antigo quartel da Polícia Militar  
Atual: CEADS



Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável

A economia investida lá teve um desempenho surpreendente em comparação de equipamentos e manutenção que vem desde o ano de 1997, quando a esperança era grande, com o processo de projetos e pesquisa idealizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Hoje estamos na segunda gestão do Doutor Marcos Bastos. Ele saiu do ostracismo doméstico que não tinha nada haver com a evolução cultural. Acabou ascendendo à liderança administrativa do Ceads, dono da linda festa para os seus funcionários e familiares, uma importante forma de congregar forças para o ano seguinte, iniciada quando o Campus Ilha Grande ainda definhava, mas esboçava alguns sinais de aproximação à bolsa de recursos alavanca do setor de transporte do Ceads

e assim pragmático, o Dr. Marcos Bastos, atendeu um dos maiores anseios do povo deste lugar chamado Vila Dois Rios e hoje a pujança contrasta com o atraso do lugarejo empobrecido, feio e triste. Mas a pesar de tudo, o Dr. Marcos Bastos estava lá no meio da festa com os seus funcionários como ele é, o Sr. Silvio, estava lá como ele é colocando em prática suas idéias no evento bem feito. Nessas alturas da vida largou de mão o conforto do Rio de Janeiro para está na Vila com sua equipe de trabalho, preparando o almoço para encerrar a temporada do ano que termina, ainda trajando a mesma calça e os mesmos sapatos surrados, como qualquer outro, porém, sempre inspira confiança de um companheiro sábio que qualquer um gostaria de ter.

No CEADS, área de lazer, nos fundos do prédio.



Onde há cinquenta anos passados havia os festejos secreto da ditadura que os militares faziam acontecer

Apresentam-se apenas como homens da UERJ na Vila Dois Rios. Com palavras simples e persuasivas, fazendo das tripas e o coração milagres para vencer os sacrifícios e as dificuldades enormes para defender a Vila dos nossos sonhos. Que vive um momento histórico em que tudo parece um delírio entre as ruínas do passado. No entanto, 2013, foi um ano didático e, creio que as dificuldades com as deficiências seculares de uma formação Estadual conjuntural estão vindo à tona. Qual será a lista de nossas esperanças neste momento? Aí é que entra nesta história uma comparação absurda com o passado da prisão no tempo do JSPCM, onde tinha na massa carcerária o “Seu Bola”, o “Seu Bahia”, o “Joaquim da Penha”. Seu Bahia, era o juiz do CRI (Clube Recreativo dos Internos), ele batia o martelo quando o CRI precisava de conhecer a sentença de casos considerados passíveis de exemplar julgamento da lei do crime. Seu Joaquim da Penha, era recatado, na igreja fazia uma leitura impecável quando era chamado para a missa. Ninguém melhor do que ele lia um texto. Será que essa história toda marcando o natal de hoje, num período de festa é igual a história de Seu Joaquim da Penha, um velhinho reles, nas condições de preso que trabalhava limpando o pátio? Era um sujeitinho versátil que ia contando tudo da sua vida pregressa, oriundo da Penha. Nos plantões do Agente Penitenciário Inspetor de Dia as galerias, Edson e de seu auxiliar o Agente Penitenciário Adail Rodrigues, ele contava com mais liberdade para exercer a sua função de

faxineiro do pátio e prosar melhor, nas agruras entre os outros presos ele era sempre o eleito orador quando chegava visita naquele pátio limpo do estabelecimento penal na semana antes do Natal para os presos e ou da Páscoa.

Certa vez chegou aqui na Vila na semana que antecede ao Natal, o Cardeal D. Eugenio Sales em visita oficial ao Presídio. Como parte do compromisso ele, o diretor foram visitar a carceragem na companhia do comandante do quartel da Polícia Militar. Lá assistiram aos presos jogarem uma partida de futebol de areia no campo lá atrás, propriamente no pátio conhecido como “Areão”, uma pelada e nessa ocasião ouviram o orador eleito pelas turmas de presos. O texto era um Blá-blá-blá, “em nome de todos”, disse o Joaquim \_ “saudo a presença de Vossa Eminência Cardeal santo da igreja e o nosso salvador”, finalizou Joaquim, sob aplausos de ambas equipes de futebol. Quando os presos cercaram o visitante ilustre, o diretor aproveitou para puxar o reles orador a um canto do pátio e perguntar: “Pó, Joaquim, vem cá, tu não acha, que exagerou, chamando o Cardeal de santo da igreja e salvador de vocês, não”? O preso não arredou pé: “Não, senhor doutor diretor é santo mesmo da igreja e nosso salvador.” Ao que o diretor insistiu: “Pô. Não dava pra tu chama só de Cardeal, não? E disse lhe o Joaquim, triunfante: “Não, senhor, porque santo faz milagre pra nois!”

\_ Nessas alturas da conversa. O diretor meio desapontado saiu resmungando confuso e por certo, meditando as palavras de um reles diante das dificuldades que se atravessava para

administrar o estabelecimento penal naqueles anos de crise do Estado.

\_ Comparando as dificuldades daquele tempo com os de hoje da Vila Dois Rios, dá no mesmo caso...

Festa de Natal para o Joaquim não existia mais, existe sim um passado longínquo de quando ele era moleque da Penha, mais propriamente da Vila da Penha, que fica um pouco depois da Vila Cruzeiro, da Invernada de Olaria, do noticiário do Alemão e da FESTA DA PENHA, onde ele costumava ir, quando chegava outubro, dar umas pernadas com a turminha boa que tinha como líder o Marraio e, os parceiros de fé eram o Tião da Baiana, o João Caveirinha, o Pelé e outros, bambas da época, agora todos presos no JSPCM.

Era da área, mais exatamente aquele garoto ali, no meio da molecada descalça, correndo atrás de pipa, correndo atrás de carro de bicheiro que jogava dinheiro que nem o Sílvio Santos, para o ar. Guarda um orgulho especial da época e nenhum preconceito a esconder. Tudo foi destino, desde o jogo de gude estava escrito. A bandeira do clube, sua inscrição passou a ser na prisão, tatuagem nos bíceps: no direito "Marraio" e no esquerdo "meu rei".

Quando moleque matava rã com estilingue para vender de noite aos sábados, domingos e feriados, com caldo de cana na barraca do Seu Nestor, do Parque Shanghai, logo ao sopé da igreja, e isso tudo ficava meia dúzia de ruas depois que você cruza o terreno do Cortume onde a Fera da Penha matou a

filhinha do amante. Dali sai no Boqueirão do Zeu e depois é só ir descendo Brás de Pina abaixo. Joaquim era aquele ali, assustado: olhando para os lados, pra frente e pra trás. Certa noite tremeu de medo pensando que o mundo ia acabar, mas não era o fim do mundo era o céu borrado de vermelho, da explosão do paiol de Deodoro. Nada disso tirou-lhe o animo para o desfile, que o Império Serrano fazia naquele ano na segunda-feira de carnaval com Calixto dos Pratos tocando alucinado na frente da bateria, pelo Largo de Vaz Lobo. São ainda hoje imagens vivas guardadas na memória.

Seu Joaquim, hoje da cadeia era da Penha e sócio do Melo Tênis Clube, vizinho do terreno baldio onde morava a mula sem cabeça e um circo que numa noite apresentou a mulher barbada \_ e a monstra fugiu da jaula no meio do show botando a molecada para correr! Joaquim da Penha, dali de algumas quadras depois da Vila Cruzeiro e da "Patrulha da Cidade", sempre na Rádio Tupi a voz do Samuca. Essas vozes suburbanas ainda lhe assopram o que deve falar na hora que faz um discurso para um público que pede para ser o orador da reivindicação. Aprendeu as primeiras palavras na Escola Grécia, do Largo do Bicão, as horas vagas passava cerol na rabiola da pipa, e de noite roubava maias de náylon no varal da vizinha para fazer bola de pana. Ser orador foi consequência da vida.

Joaquim da Penha, mais exatamente, era moleque da rua, primeiramente a Tejupã, bem depois de onde enterraram o corpo da vedete Zaquinha, a rainha de Madureira, que morreu assassinada

como se fosse afogada durante banho de mar na Barra da Tijuca. É tudo isso um imenso manguezal guardado hoje na memória: Os bandidos fugindo, entre os garotos caçando rãs, o céu ainda está coberto de balões que comemoravam a vitória do Brasil quando foi Campeão do primeiro título na Copa me 1958, na Suécia sob o comando do técnico Vicente Feola (Gilmar, Castilho, Sordi, Dijalma Santos, Beline, Mauro, Orlando, Nilton Santos, Oreco, Zózimo, Dino Sani, Zito, Moacir, Didi, Joel, Garrincha, Mazzola, Vavá, Dida, Pelé, Zagalo e Pepe) o capitão era o Bellini. E o rádio toca sem parar Anísio Silva cantando a sua faixa de música do programa “Peça Bis pelo Telefone”, da Rádio Mayrink Veiga e lembra ainda da vitrolinha antiga que tinha para ouvir o trombone de Raul de Barros no banco da calçada na frente da sua casa.

E assim o tempo ficou congelado na memória do preso, hoje, no JSPCM, Joaquim da Penha, com quem eu conversei e me disse, que a televisão do seu tempo estava sempre passando o famoso “Riso é o limite”, patrocinado por aquele jogo de toalhas de mesa que “Parecia linho, mas era Linholene”. Depois, no meio da noite apreciavam aos garotos, sempre roliças e frescas as coxas da Sandrinha Sandré, e eles se ajoelhavam aos pés da cama, fazendo orações recomendadas na aula de catecismo, aproveitavam e pediam aos deuses que o futuro lhes pusesse mocotós de mesmo talento da Sandrinha, tamanho e temperatura em suas mãos.

Até aqui, o tempo não existe para comparação desse suburbano, de

galinha vivas compradas em embrulho de jornal. Afiadores de faca anunciando com seu assovio diabólico que alguém estava para morrer na quadra, onde ele assoviava com esse gesto as pessoas batiam as botas e depois reapareciam espichadas no centro espírita, duas ou três ruas depois do campinho de futebol em que o Romário jogava bola. O suburbano sai de um plano existencial e se muda para outro, mas não morre dentro da pessoa que passou por lá.

Porém, posso até dizer que, Joaquim era da Penha, muitos pontos de ônibus depois de onde hoje estão estacionados os caveirões do Beltrame. Morador da casa em frente à Vila Prosperidade, famosa porque nela o craque Maneco, do América nos anos 50, premido pelas dúvidas, que tinha da mulher que mais amava, belo dia jogou num copo de guaraná uma colher de formicida e despediu para morrer. Os meninos liam Carlos Zéfiro. As meninas usavam anáguas e combinações. O guarda-noturno apitava, o leiteiro botava a garrafa de leite Vigor na porta e a vida seguia um passinho à frente, por favor, tudo tinha se com a benção de Alziro Zarur da Rádio Mundial.

Quando a coisa começou ficar feia, Joaquim passou ir frequentemente à igreja da Penha, muitas das vezes para pedir à padroeira para que o Exército, a Marinha e a Aeronáutica não o expulsasse de lá, foi onde aprendeu o mantra: “Tá com medo mane, tabaréu é tua linha no papel”. E isso não é pouca filosofia de vida é, também, o prato de sabedoria junto com o melado que comia no recreio da escola, em que o alimentou.

De noite ali pelas seis horas, uma voz saía da Rádio Nacional e completava a lição perguntando “Quem sabe o mal que se esconde nos corações humanos?” E ela mesma respondia em nome do herói da série: “O Sombra sabe”.

Joaquim da Penha professava os costumes locais e hábitos: era televisinho, pegava lotação andando e na escola colocava o espelinho redondinho na ponta do sapato na tentativa de ver as calcinhas das meninas sem se importar com os puxões de orelha da professora. De pouco mais se lembra para declarar sua estória e juntar sua voz aos que celebram a sua origem pobre, sofrida, distorcida pela miséria, a única que conheceu. A sua localidade de infância foi a eis tudo. Ele morava numa casa onde não havia poltrona, na família dele isso era luxo para ricos, os bancos que possuíam ficavam na calçada e na fachada da cas estava escrito que era o lar de Amorim e de Zilda da Penha, tudo isso na meia dúzia de ruas das mães que perderam seus filhos para o crime. Joaquim filho da penha, viciado em jogo “carniça”, em bola, em búlica de pano, em balões, em passar anel nas meninas e

deixar cair lá dentro das mãos em cunha da mais bonita, um anelzinho, para na eternidade do tempo não esquecer o rosto dela durante os brinquedos suburbanos.

Mas a vida é mesmo assim, cruel, quando Joaquim, ouviu os primeiros tiros das forças legalistas invadindo o Complexo, restou no outro dia estampado por certo na “Luta Democrática”, que eles tinham matado o Cabeleira, um amigo, daquela vida, que fugiu da polícia pela Rua da Dona Raminha do Zé, nos fundos da Estrada do Quitungo, subiu uma ladeira e caiu, esvaindo em sangue, logo acima do campinho em que naquele domingo os 11 cometas, com a camisa azul e uma faixa horizontal branca jogavam contra o time de Brás de Pina. Depois do jogo, Joaquim da Penha, foi preso na sede social da Rua Honório Pimentel, onde eles faziam luto e deixaram de dançar ao som de “Diana”, com Paul Anke, que estava preparado para comemorar a vitória. Aí foi que Joaquim fixou na memória a mão em cunha da menina mais bonita. Onde muitas das vezes ele deixou cair lá dentro um anelzinho durante os brinquedos suburbanos.

#### Papai Noel

... Papai Noel estranhamente parecido com o vizinho Justim, mas Papai Noel!, sem dúvida, até porque, certamente, para apreciar os presentes a empregada, mais que de pressa, fechou a janelinha do quatinho, sem parecer ouvir os apelos contrários. \_ Andrezinho – manteve excitado com ocorrido, mas não fez nada, contudo porque Papai Noel veio ter uma prosa com a gurizada, anunciando que esse negócio de ver Papai Noel era coisa de pirralhos traquinas, que era melhor as mães deles não saberem do ocorrido, eles andando a quelas horas da noite, já que passava das 22 horas, tardissimo para criança estar fora de casa e, que ele tinha trazido uns trocadinhos e agora colocava nas mãos de cada um para silenciar, como bons meninos ficar de bico calado, quando lembrassem do que viram ali: Papai Noel pulando a janela do quatinho da empregada aquela hora.

#### EXPEDIENTE

OS TEXTOS e ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº. 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.